

Aristóteles  
O tratado do Lugar e do vazio – tradução

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## TRADUÇÃO

### ARISTÓTELES

#### O TRATADO DO LUGAR E DO VAZIO (FÍSICA IV, 1-9)

Tradução de Arlene Reis (UFSC), Fernando Coelho (UFSC) e Luís Felipe Bellintani Ribeiro (UFSC) a partir da edição do texto grego: Aristotelis Physica. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. D. Ross. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1992.

1. [208a 27] Assim como é necessário ao físico conhecer, acerca do infinito, se é ou não, como é e o que é, assim também acerca do lugar. Com efeito, todos supõem estarem os entes algures [30] (pois os não-entes estão nenhures: onde, afinal, estão o bode-veado e a esfinge?) e, do movimento, o mais comum e o principal é o segundo o lugar, o qual chamamos deslocamento. [32]

[32] Comporta muitas aporias a questão de saber o que, por ventura, é o lugar, pois não é o mesmo o que aparece aos que o contemplam desde todos os atributos que lhe correspondem. Ademais, não temos nada [35] da parte dos outros acerca do tema, nem formulações anteriores dessas aporias, nem suas respectivas soluções.

[208b] Que, de fato, exista o lugar, parece ser evidente a partir da substituição recíproca, pois onde agora há água, tão logo ela tenha saído como de um vaso, de novo haverá ar, até que algum dos outros corpos tome este mesmo lugar. Este, portanto, [5] parece ser diferente de todas as coisas que vêm a estar nele e dele se mudam, pois naquilo em que agora há ar, anteriormente havia água, de modo que é evidente que havia certo lugar diferente de ambos, a região [NOTA: trata-se da palavra *khóra*, que Platão já utilizara no *Timeu* e que, em sentido filosófico, dificilmente se traduz satisfatoriamente; aqui optou por traduzi-la em sentido comum, de preferência a “espaço”, para evitar a projeção de concepções anacrônicas, como a *extensio* moderna] desde a qual e para qual mudavam. Além disso, os deslocamentos dos corpos naturais simples, tais como fogo, terra, etc., não [10] apenas evidenciam que existe algo como o

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

lugar, mas também que ele tem certa potência, pois cada um deles, não sendo obstruído, desloca-se para seu lugar próprio, um para cima, outro para baixo. Estas são, com efeito, as partes e as espécies de lugar, em cima, embaixo e as restantes das seis direções. Tais direções, em cima, embaixo, direita, esquerda não são apenas relativamente a nós. [15] Para nós, nem sempre o mesmo está na mesma direção, mas, segundo a posição, vem a ser tal, conforme nos viremos (por isso, muitas vezes o mesmo está à direita e a esquerda, em cima e embaixo, em frente e atrás), na natureza, porém, cada uma é determinada separadamente. O em cima, pois, não é o que calhar ao acaso, mas o lugar para onde se desloca [20] o fogo e o leve. Do mesmo modo, o embaixo, relativamente às coisas que têm peso e são terrosas, por não diferirem apenas por posição, mas também pela potência. Evidenciariam isso também as coisas matemáticas, pois, não estando de fato em um lugar, têm, entretanto, conforme a posição relativa a nós, uma direita e uma esquerda, como coisas assim dispostas apenas [25] pelo dizer, não tendo nenhuma delas posição por natureza. Ademais, os que afirmam o vazio dizem existir lugar, pois o vazio seria um lugar privado de corpo. [27]

[27] Por essas razões, então, suporia alguém que, de fato, há certo lugar à parte dos corpos, e que todo corpo sensível está em um lugar. Pareceria também falar corretamente Hesíodo [30] ao estabelecer, primeiro, o caos. Diz, com efeito: “primeiro que todos nasceu caos, em seguida terra de largo seio”, como devendo primeiro subsistir uma região para os entes, por considerar, como a maioria, que tudo é algures e está em um lugar. Se é assim, algo admirável seria a potência do lugar, e [35] primeiro que tudo, pois aquilo sem o que nenhuma das outras coisas é, enquanto ele é [209a] sem as outras coisas, é necessariamente primeiro. Com efeito, não perece o lugar quando as coisas que estão nele se corrompem. [2]

[2] Não obstante exista o lugar, resta uma aporia, saber o que ele é, se certa massa corporal ou, de preferência, alguma outra natureza diferente. É preciso, pois, primeiro buscar o seu gênero. [5] Ele tem, certamente, três dimensões, comprimento, largura e profundidade, pelas quais todo corpo é limitado. Ora, é impossível que o lugar seja um corpo, pois nesse caso dois corpos estariam no mesmo. E ainda, se há um lugar e uma região do corpo, é evidente que também haverá da superfície e dos demais limites, pois o mesmo raciocínio lhes convirá, pois lá onde anteriormente [10] estavam as bordas da água, hão de estar inversamente as do ar. Todavia, não temos nenhuma

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

diferença entre o ponto e o lugar do ponto, de modo que, se o seu lugar não é diferente dele, tampouco o é o de nenhuma das outras coisas, não sendo o lugar algo à parte delas. Que, então, poderíamos estabelecer como sendo o lugar? Afinal, não é possível que, tendo tal natureza, seja um elemento ou [15] a partir de elementos, nem corpóreos, nem incorpóreos. Por um lado, tem grandeza, mas, por outro, não é nenhum corpo. Ora, os elementos das coisas sensíveis são corpos, e a partir das coisas inteligíveis não vem a ser nenhuma grandeza. Além disso, de que alguém estabeleceria ser o lugar uma causa para os entes? Nenhuma [20] das quatro causas lhe corresponde, pois não é nem como matéria dos entes (nada é constituído a partir dele), nem como forma (*eîdos*) e definição (*lógos*) das coisas, nem como fim, nem move os entes. Ademais, se ele é algum dos entes, onde estará? A aporia de Zenão, com efeito, busca alguma explicação (*lógos*): se todo ente está em um lugar, [25] é evidente que haverá um lugar do lugar, e isto ao infinito. E ainda: do mesmo modo que todo corpo está em um lugar, em todo lugar há corpo. Como, então falaremos das coisas que aumentam? Seria necessário, a partir destes postulados, que o lugar aumentasse com elas, se o lugar de cada coisa não é nem menor nem maior do que ela. Por estes motivos, com efeito, é necessário experimentar a aporia [30] não apenas da questão sobre o que é o lugar, mas também da questão de se ele existe.

2. Visto que algo pode ser dito ou bem por si mesmo ou bem por outro, também o lugar é, por um lado, o comum, no qual todos os corpos estão, por outro lado, o particular, em que primeiramente estão (digo, por exemplo, que tu estás agora no universo, porque quem está no ar está no universo; e que estás no ar, porque estás [35] na terra; e do mesmo modo que estás nesta, porque estás neste lugar, [209b] o qual contém nada mais que a ti). Se o lugar é o que primeiro contém cada um dos corpos, seria certo limite, de modo que o lugar pareceria ser a forma (*eîdos*) e a configuração (*morphé*) de cada um, pelo que é limitada a grandeza e a matéria da grandeza, pois isto é [5] o limite de cada coisa. De fato, aos que examinam a questão desse modo, o lugar de cada coisa é sua forma (*eîdos*); enquanto, porém, o lugar parece ser a distensão da grandeza, a matéria. Esta distensão, com efeito, é diferente da grandeza; ela é contida pela forma e delimitada como que por uma borda e um limite, e tal é justamente a matéria e o indeterminado. Quando, [10] pois, é suprimido o limite e as afecções da

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

esfera, nada resta além da matéria. Por isso Platão diz no *Timeu* que a matéria e a região (*khóra*) são o mesmo, pois o participável [NOTA: *metaleptikón*, adjetivo verbal de possibilidade de *metalambáno*, ao qual corresponde também o substantivo *metálepsis*, um dos termos usados por Platão para designar “participação”, conceito capital de sua metafísica, que visa exatamente a dar conta da relação entre as formas inteligíveis e a realidade sensível] e a região são um e o mesmo. Embora ele fale aí de “participável” de um modo diferente do que fala nas chamadas [15] “doutrinas não-escritas”, declarou que o lugar e a região são o mesmo. Por um lado, todos dizer ser o lugar algo, [17] por outro lado, só ele empreendeu dizer o que é.

[17] A partir destas considerações, pareceria verossímil ser difícil conhecer o que é o lugar, se é realmente algum desses dois, seja matéria, seja [20] forma. Aliás, a questão comporta a mais alta contemplação, pois não é fácil conhecer uma separadamente da outra. Mas, certamente, que é impossível que o lugar seja uma das duas, não é difícil ver. Com efeito, a forma e a matéria não se separam da coisa, ao passo que, quanto ao lugar, isso é admissível. Pois, como dissemos, naquilo em que havia ar, vem a estar inversamente [25] água, substituindo-se reciprocamente a água e o ar, e do mesmo modo quanto aos outros corpos, de modo que nem uma parte, nem um estado, mas algo separável é, de cada coisa, o lugar. E o lugar parece ser um recipiente tal qual um vaso (pois o vaso é um lugar transportável). E o vaso [30] não é nada da coisa (contida). Por um lado, enquanto separável da coisa, não é a forma; por outro lado, enquanto o que contém a coisa, é diferente da matéria. Parece, com efeito, com relação ao que é algures, sempre haver algo que é si mesmo e algo que é diferente e está fora dele. (É preciso, certamente, perguntar a Platão, se cabe uma digressão, por que as formas e os [35] números não estão em um lugar, se o participável [NOTA: *methektikón*, adjetivo ligado ao verbo *metékho* e ao substantivo *méthexis*, outro termo técnico de Platão que também se traduz por “participação”] é o lugar, seja o participável o grande [210a] e o pequeno, seja a matéria, como escreveu no *Timeu*.) Ademais, como algo deslocar-se-ia até o seu lugar próprio, se o lugar fosse a matéria ou a forma? É impossível, pois, que seja lugar aquilo de que não há movimento, nem em cima, nem embaixo. Por conseguinte, é preciso buscar [5] em coisas que tais o lugar. E se o lugar está em si mesmo (e deve ser assim, se é forma ou matéria), estará o lugar em um lugar, pois a forma e o indeterminado mudam e se movimentam junto com a coisa, e nem

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

sempre estão no mesmo sítio, mas sim onde quer que a coisa esteja, de modo que haverá um lugar do lugar. Além disso, quando do ar [10] se gerasse água, o lugar pereceria, pois o corpo gerado não estaria no mesmo lugar. Que seria, então, essa corrupção? Que, a partir dessas considerações, é necessário que o lugar seja algo, e que, de modo recorrente, se há de estar em aporia acerca de sua essência (*ousía*), fica dito.

3. Depois dessas considerações, é preciso se ocupar da questão de saber de quantos modos uma coisa é dita estar em outra. [15] De um modo, como o dedo é dito estar na mão, e a parte no todo. De outro modo, como o todo está nas partes, pois o todo não é à margem das partes. De outro, como o homem no animal, e, de um modo geral, a espécie no gênero. De outro, como o gênero na espécie, e, de um modo geral, a parte da espécie [20] na definição (*lógos*). E, ainda, como a saúde nas coisas quentes e frias, e, de um modo geral, a forma na matéria. E, ainda, como no rei os assuntos dos gregos, e, de um modo geral, cada coisa no seu primeiro motor. E, ainda, como cada coisa no seu bem, e, de um modo geral, no seu fim: este é seu “a fim de quê” [NOTA: a locução substantiva *tò hoû héneka*, que aqui é traduzida literalmente, é uma das maneiras recorrentes pelas quais Aristóteles refere-se àquilo que posteriormente ficou conhecido como “causa final”]. De todos os modos, porém, o principal é o como em um vaso, e, de um modo geral, em um lugar.

[25] Alguém poderia ficar em aporia quanto a ser, por ventura, admissível estar algo em si mesmo, ou se nada o pode, mas tudo ou está nenhures ou está em outro. Isto (estar em si mesmo), porém, é de dois modos, ou bem por si ou bem por outro. Quando, pois, forem partes do todo o que está em algo e aquilo em que isso está, o todo será dito estar em si mesmo. Com efeito, isso é dito também segundo as partes, por exemplo, algo é dito “branco”, porque [30] uma superfície é branca, e diz-se de alguém que “tem ciência”, porque o tem sua parte racional. De fato, a ânfora não estará em si mesma, nem o vinho; a ânfora de vinho, porém, estará, pois o que “está em” e o “em que está” são ambas partes do mesmo. Desse modo, sem dúvida, é admissível que algo esteja em si mesmo; em sentido primário, porém, não é admissível. Assim, por exemplo, o branco está em um corpo (pois a superfície [210b] está no corpo), e a ciência está na alma. Estas denominações se dão segundo estes termos, que são partes, como no caso do homem (já a ânfora e o vinho, separadamente, não são partes, juntos, são; por isso, se

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

forem partes, o mesmo estará no mesmo): o branco está no [5] homem porque está no corpo, e está neste porque está na superfície. O estar nesta, porém, não mais é segundo outro. E estes, a superfície e o branco, são outros pela espécie (*eîdos*), e cada um tem uma natureza e uma potência distintas. Examinando a questão indutivamente, portanto, não vemos que algo possa estar em si mesmo em nenhum dos sentidos determinados; examinando com a razão, é evidente [10] que é impossível que possa. Com efeito, cada termo de um composto deveria ser, no fundo, ambos, por exemplo, a ânfora deveria ser recipiente e vinho, e o vinho, vinho e ânfora, se fosse admissível estar algo em si mesmo. Por conseguinte, ainda que um esteja maximamente no outro, a ânfora receberá o vinho não enquanto o próprio vinho, mas enquanto [15] ânfora; e o vinho estará na ânfora não enquanto a própria ânfora, mas enquanto vinho. Ora, é evidente que, segundo o ser, são diferentes, pois a definição (*lógos*) do que está em algo é diferente da definição daquilo em que algo está. E nem sequer por acidente é admissível que algo esteja em si mesmo, pois, nesse caso, duas coisas estarão no mesmo. Com efeito, a ânfora mesma [20] estará em si mesma, se for admissível que aquilo, cuja natureza é ser receptivo, esteja em si mesmo. E também estará em si mesmo [21] aquilo de que o receptivo é receptivo, por exemplo, se é receptivo de vinho, o vinho.

[21] Que, portanto, é impossível que algo esteja em si mesmo em sentido primário, é evidente. Quanto à aporia de Zenão, de que, se o lugar for algo, estará em algo, não é difícil resolvê-la. Nada impede, pois, que o primeiro lugar [25] esteja em outra coisa, mas não em um lugar como ele, e sim como, por exemplo, a saúde está nas coisas quentes, isto é, como estado, e o quente está no corpo, isto é, como afecção. Por conseguinte, não é necessário ir ao infinito. Isto é manifesto também porque, não sendo o vaso nada do que nele está (diferentes, pois, em sentido primário, são o “quê” e o “em quê”) não seria o lugar nem a matéria nem a forma, [30] mas algo diferente, pois estes, a matéria e a forma, são algo daquele, do que está no interior. Estas são as aporias acerca do lugar.

4. O que, então, é o lugar, isto há de tornar-se manifesto pelo que vem a seguir. Ocupemo-nos, acerca dele, de quantos atributos por si lhe correspondem verdadeiramente. Estimamos que o lugar é o continente primeiro [211a] daquilo de que é lugar, sem ser nada da coisa. E ainda, que o lugar primeiro não lhe é nem menor nem

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

maior. E ainda, que o lugar de cada coisa pode ser por ela abandonado e é dela separável. Além disso, todo lugar tem um em cima e um embaixo, e todos os corpos deslocam-se por natureza ou [5] permanecem nos seus lugares próprios, e isto se realiza ou para cima ou para baixo. Suposto isto, é preciso contemplar o restante. Deve-se tentar realizar o exame de modo a dar conta da questão “o que é o lugar?” [NOTA: logrou-se assim traduzir a locução substantiva recorrente em Aristóteles *tò tí estin*, não raro traduzida por um substantivo propriamente dito, como “essência” ou “qüididade”] do lugar, e assim resolver as aporias, e também mostrar que os atributos que parecem lhe pertencer de fato lhe pertencem, e [10] ainda tornar manifesta a causa das dificuldades e das aporias a seu propósito. Assim, pois, é que se pode mostrar da melhor maneira cada coisa.

Primeiro, deve-se ter em mente que não se buscaria saber o que é o lugar, se não houvesse movimento, a saber, precisamente o movimento segundo o lugar. Por isso achamos que o céu principalmente está em um lugar, porque está sempre em movimento. Do movimento, [15] um tipo é deslocamento, outro, aumento, outro, diminuição, pois no aumento e na diminuição há mudança, e o que antes estava ali, logo terá se transferido de novo para um sítio menor ou maior. E há o movido por si em ato e o movido por acidente. Do movido por acidente, por sua vez, há o que admite mover-se [20] por si, como as partes do corpo e o prego no barco, e o que não admite, mas sempre se move por acidente, como a brancura e a ciência. Estes, com efeito, mudam de lugar porque muda aquilo em que subsistem. E dizemos estar uma coisa no céu como em um lugar por estar ela no ar, [25] e este, no céu. No ar, mas não em todo ar. Por causa da extremidade da coisa que a contém é que dizemos estar ela no ar (se, com efeito, o ar todo fosse um lugar, o lugar de cada coisa não seria igual a ela; parece, porém, ser igual: tal é o lugar primeiro em que está). Quando, portanto, o continente não é separado, mas [30] contínuo à coisa contida, não se diz que ela está nele como em um lugar, mas como a parte no todo. Quando, porém, é separado e está em contato com ela, ela está na extremidade primeira do continente, o qual não é nem uma parte do que nele está, nem maior que sua extensão, mas igual, pois as extremidades dos que se tocam estão no mesmo sítio. E o contínuo [35] não se move naquele em que está, mas com ele; o separado, porém, se move nele, pouco importando se o continente se move ou não. [211b] [Ademais, quando não é separado, é dito como a parte no todo, como, por

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

exemplo, a visão no olho ou a mão no corpo; quando separado, é como a água no jarro ou o vinho no vaso; com efeito, a mão se move com o [5] corpo, a água, no jarro.]

[5] Já está manifesto, certamente, a partir destas considerações, o que é o lugar. Perto de quatro coisas há, das quais é necessário que o lugar seja uma: ou forma (*morphé*), ou matéria, ou certa extensão entre os extremos, ou os extremos, se não há nenhuma extensão à parte da grandeza do corpo que vem a estar contido. [10] Que não é admissível que três destas coisas seja o lugar, isto é manifesto. Mas, pelo fato de conter, a forma (*morphé*) parece sê-lo, pois as extremidades do continente e o contido estão no mesmo. De fato, ambos são limites, mas não do mesmo: a forma (*eîdos*) é limite da coisa; o lugar, do corpo continente. Por outro lado, pelo fato de o contido e separado mudar [15] freqüentemente, enquanto o continente permanece, como, por exemplo, a água que sai do vaso, o lugar parece ser certa extensão entre ambos, como existindo à parte do corpo que se transfere. Não é, porém, de fato. O que acontece é que algum outro corpo calha de se transferir para aí, dentre os que por natureza podem fazer isso e estar em contato. Se existisse certa extensão [20] por si mesma permanecendo por natureza, infinitos lugares estariam no mesmo (pois, enquanto a água e o ar se transferissem, o mesmo fariam todas (*pánta*) as partículas no todo (*hólon*), como toda (*hápan*) a água no vaso). E, ao mesmo tempo, o lugar seria mutante, de modo que haveria outro lugar do lugar, e muitos lugares [25] existiriam ao mesmo tempo. Não é outro, porém, o lugar da partícula em que se move, quando o vaso todo é transportado, mas o mesmo. Com efeito, é no lugar em que estão que se substituem reciprocamente o ar e a água, ou a partícula de água, e não no lugar em que vêm a estar, o qual é parte de um lugar que é lugar do céu inteiro. E também a matéria [30] pareceria ser lugar, caso se a examine em algo em repouso e não separado, mas contínuo. Pois, do mesmo modo que, se acontece uma alteração, há algo que agora é branco e antes era preto, e agora é duro e antes era mole (por isso dizemos que a matéria é algo), assim também o lugar, por causa de uma aparência semelhante, parece ser de algo, salvo que, no primeiro caso, era porque o que era ar agora é água, enquanto que, no caso do lugar, porque, onde havia ar, ali agora há água. Mas a matéria, [212a] como foi dito nos capítulos anteriores, nem é separada da coisa, [2] nem a contém, ao passo que o lugar tem estas duas características.



Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

[2] Se, então, nenhum desses três é lugar, nem a forma, nem a matéria, nem certa extensão subsistente sempre como diferente daquela do corpo transportado, [5] é necessário ser o lugar o restante dos quatro: o limite do continente do todo, <pelo qual está em contato [6a] com o contido>. E chamo de corpo contido o móvel segundo deslocamento. Parece, em todo caso, ser o lugar algo importante e difícil de apreender, pelo fato de se apresentar sob a aparência da matéria e da forma (*morphé*), e pelo fato de ser num continente em repouso que [10] vem a ser o transporte daquele que se desloca, pois, neste caso, é aparentemente admissível haver certa extensão outra entre as grandezas movidas. Contribui para isso também o fato de o ar parecer incorpóreo; com efeito, parece que não apenas os limites do recipiente são o lugar, mas também o que está entre estes limites, como se fosse um vazio. Todavia, assim como o recipiente é [15] um lugar transportável, o lugar seria como um recipiente imóvel. Por isso, quando, em algo que se move, move-se e muda o que está em seu interior, como um barco num rio, o continente serve mais como um recipiente do que como um lugar. O lugar, porém quer ser imóvel. Por isso, o todo é mais lugar que um rio, porque imóvel é o [20] todo. Por conseguinte, o primeiro limite imóvel do continente, isto é o lugar. E, por isso, o centro do universo e a extremidade, relativamente a nós, do deslocamento em círculo parecem ser maximamente e em sentido próprio o acima e o abaixo, porque o centro sempre permanece (em repouso), e a extremidade do movimento circular permanece comportando-se do mesmo modo. Por conseguinte, visto que o [25] leve é deslocado por natureza para cima, e o pesado, para baixo, o limite continente relativo ao centro é o abaixo, e o centro mesmo, e o limite continente relativo à extremidade é o acima, e a extremidade mesma. Por isso, o lugar parece ser certa borda continente, qual um vaso. Ademais, o lugar é junto com a coisa, [30] pois os limites são junto com o limitado.

5. O corpo, fora do qual há algum corpo que o contém, este está em um lugar; caso contrário, não. Por isso, se tal corpo se tornar água, suas partículas mover-se-ão (contêm-se, pois, uma às outras); o todo (*tò pân*), porém, de certo modo mover-se-á, de certo modo, não. [35] Enquanto totalidade (*hólon*), não muda de lugar ao mesmo tempo que elas; em círculo, [212b] porém, se movimenta – este, pois, é o lugar das partículas – algumas das quais não se movimentam para cima e para baixo, mas em círculo; outras, para cima e para baixo, quantas têm condensação e rarefação. E, como foi dito [NOTA:

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

211a 17, b 21], há coisas que estão em um lugar em potência, outras, em ato (*enéргеia*). Por isso, quando [5] o homogêneo for contínuo, em potência é que as partes estarão em um lugar, quando for separado, mas estiver em contato como um aglomerado, em ato (*enéргеia*). E também há coisas que estão em um lugar por si mesmas (por exemplo, todo corpo móvel ou por deslocamento ou por aumento está algures por si mesmo; o céu, porém, como foi dito [NOTA: 212a 32], não está inteiro (*hólon*) algures, nem em algum lugar, se nenhum corpo o contém; porém, [10] contanto se movimente, há aí lugar para suas partículas, pois cada uma é contígua à outra), e há coisas que estão em um lugar por acidente, por exemplo, a alma e o céu, pois todas as suas partículas estão, de algum modo, em um lugar, visto que, em círculo, uma contém a outra. Por isso, o que está em cima se move em círculo, sem que o todo esteja algures. Com efeito, o que está algures [15] é ele mesmo algo, e deve haver ainda outro algo à parte dele, em que esteja e que o contenha. À parte do todo inteiro, porém, não há nada, nada fora do todo, e, por isso, tudo está no céu, pois o céu é provavelmente tudo. O lugar (do todo), porém, não é o céu, mas a extremidade do céu, que é certo [limite em repouso] em contato com o corpo móvel. [20] Por isso, a terra está na água, a água está no ar, o ar está no éter, o éter está no céu, [22] o céu, porém, não mais está em outro.

[22] A partir destas considerações, é manifesto que, se o lugar é como foi dito, todas as aporias podem ser resolvidas. Com efeito, não é necessário que o lugar aumente junto (com o corpo) [NOTA: resposta à aporia levantada em 209a 22], nem que haja lugar do ponto [NOTA: resposta à aporia levantada em 209a 6], [25] nem que dois corpos estejam no mesmo lugar [NOTA: resposta à aporia levantada em 209a 5], nem que o lugar seja certa extensão corpórea (pois corpo é o que calhar de estar entre (os limites) do lugar, não a extensão do corpo). E também o lugar está algures, não como em um lugar, mas como o limite está no limitado, pois não é todo ente que está em um lugar, mas (apenas) o corpo móvel. E [30] que cada um se desloque para o seu lugar próprio é razoável (pois o consecutivo e em contato não por violência é congênere; e as coisas que estão reunidas por natureza são impassíveis, as por contato são reciprocamente ativas e passivas). E não é sem razão que tudo permanece por natureza no seu lugar próprio, pois a parte está no lugar como [35] parte divisível relativamente ao todo (*hólon*), como, por exemplo, quando alguém move uma [213a] parte de água ou de ar. É assim também que está o ar relativamente à água, um como

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

matéria, o outro como forma (*eídōs*), pois a água é matéria do ar, e o ar é como certo ato (*enérgeia*) daquela. Com efeito, a água é ar em potência, embora o ar seja água em potência de outro modo. É preciso determinar estas coisas [5] posteriormente [NOTA: cf. *Da geração e da corrupção* 317a 32 – 319b 5]. É necessário falar de acordo com a oportunidade, e o que agora está sendo dito de modo não claro, ficará, então, mais claro. Se, de fato, matéria e ato (*entelékheia*) são o mesmo (pois água é ambas as coisas, embora uma em potência, outra em ato (*entelékheia*)), estariam, de certo modo, numa relação como a parte relativamente ao todo. Por isso, entre eles há contato. E há conaturaleza, quando ambos vêm a ser [10] um em ato (*enérgeia*). Fica dito, então, acerca do lugar, que existe e o que é.

6. Do mesmo modo, é preciso supor ser próprio do físico contemplar, também acerca do vazio, como acerca do lugar, se é ou não, como é e o que é. Com efeito, o físico tem, [15] por intermédio dos que admitem o vazio, mais ou menos a mesma quantidade de motivos quer para a descrença em sua existência, quer para a crença. Os que falam do vazio estabelecem-no como certo lugar e recipiente, que parece estar cheio quando tem a massa da qual é receptivo, e vazio, quando dela está privado, como correspondendo ao mesmo ente “vazio”, “cheio” e “lugar”, ainda que o ser de cada um não seja o mesmo. Deve-se começar [20] o exame por ocupar-se com o que dizem os que afirmam existir o vazio, depois, inversamente, com o que dizem os que o negam, e, em terceiro lugar, com as opiniões comuns acerca do assunto. Por um lado, os que tentam mostrar que ele não existe refutam não o que os homens querem dizer por “vazio”, mas o que, errando, dizem, como Anaxágoras e [25] os que refutam desse modo. Estes demonstram que o ar é algo torcendo os odres e mostrando como o ar é resistente, e encerrando-o nas clepsidras. Todavia, o que os homens querem dizer por “vazio” é que ele é a extensão na qual não há nenhum corpo sensível. E, achando que todo ente é corpo, dizem [30] que vazio é aquilo em que absolutamente nada há, por isso o cheio de ar é vazio. Não é, portanto, isso o que eles devem mostrar, a saber, que o ar é algo, mas que não há uma extensão diferente dos corpos, nem separável, nem sendo em ato (*enérgeia*), a qual recorta o todo corpóreo [NOTA: seguindo a lição de Ross, a expressão *tò pân sôma* foi traduzida por “o todo corpóreo”, e não por “todo o corpo”, por referir-se à totalidade una que, pela atuação do vazio, torna-se, então, fracionada em

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

indivíduos distintos, e não diretamente aos indivíduos distintos] a ponto de este não ser mais contínuo, conforme dizem Demócrito, Leucipo e [213b] muitos outros fisiólogos, ou a qual é algo fora da totalidade corpórea contínua. [2]

[2] Aqueles (os que negam a existência do vazio), portanto, não chegam sequer às portas do problema; os que a afirmam se aproximam mais. Dizem, de um primeiro modo, que o movimento segundo lugar [5] (isto é, deslocamento e aumento) não existirá, se não existir o vazio, por parecer não haver movimento sem vazio, pois é impossível que o pleno receba algo. Se puder receber e se dois corpos estiverem no mesmo lugar, será admissível que não importa quantos corpos aí estejam ao mesmo tempo, pois não será possível dizer a diferença pela qual isso não possa ser afirmado. E, se isso for admissível, [10] o menor de todos receberá o maior de todos, pois o grande é muitos pequenos, de modo que, se for admissível que muitos iguais estejam no mesmo lugar, também será que muitos desiguais estejam. Com efeito, Melisso mostra que o todo é imóvel a partir dessas considerações, pois, se o todo se mover, diz ele, é necessário existir o vazio, e o vazio não está entre os entes. Um [15] modo, portanto, pelo qual mostram que o vazio é algo, é a partir dessas considerações; outro modo é que algumas coisas parecem se concentrar e se comprimir, como, por exemplo, as jarras com odres contendo vinho, dizem, recebem ainda vinho, qual um corpo que se concentra e se condensa nos vazios interiores. Ademais, também o aumento parece a todos vir a ser através do vazio, pois o alimento [20] é corpo, e é impossível que dois corpos estejam juntos. Um testemunho disso eles produzem com o exemplo das cinzas: um vaso que as contenha recebe tanta água quanto um vaso vazio. Também os pitagóricos diziam existir o vazio, e que ele se introduz no céu a partir do sopro infinito, como se o céu respirasse o vazio, o qual delimita [25] as naturezas, sendo o vazio certa separação e delimitação dos consecutivos; e ele está primeiramente nos números, pois o vazio delimita a natureza deles. Tais e tantas são, aproximadamente, as considerações a partir das quais uns afirmam e outros negam existir o vazio.

7. [30] Relativamente a essa alternativa (se o vazio existe ou não), é preciso ocupar-se com a questão de saber o que significa seu nome. Parece que o vazio é um lugar no qual nada está. A causa disso é que acham que o ente é corpo, que todo corpo está em um lugar, que o lugar no qual nenhum corpo está está vazio, de modo que, se

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

algures não há corpo, ali nada há [NOTA: como Ross, seguimos o texto de EGIJVS, *oudén*, e não o de F, *kenón*]. Por outro lado, acham que todo [214a] corpo é tangível, e tal será o que tiver peso ou leveza. Decorre, então, de um silogismo que vazio é aquilo em que não há nada pesado ou leve. De fato, estas coisas decorrem, como dissemos anteriormente, a partir de silogismo. É absurdo, porém, que o [5] ponto seja vazio, pois então deve ser um lugar no qual esteja a extensão de um corpo tangível. Mas parece, com efeito, que o vazio se diz, de um modo, do não-cheio de corpo sensível segundo o tato, sendo sensível segundo o tato o que tem peso ou leveza (por isso alguém poderia ficar em aporia sobre o que dizer, se a extensão tivesse [10] cor ou som, se estaria vazia ou não; ou então é evidente que, se pudesse receber um corpo tangível, estaria vazia, se não, não). De outro modo, daquilo em que não há algum “isto” nem alguma substância (*ousía*) corpórea. Por isso alguns dizem que o vazio é a matéria do corpo (tal como já haviam dito do lugar, dizendo que são o mesmo), no que não falam bem, [15] pois a matéria não é separável das coisas, e eles investigam o vazio enquanto separável. [16]

[16] Visto que as determinações acerca do lugar foram apresentadas, que foi dito de que modo o lugar é e de que modo não é, e que o vazio, se existe, é necessariamente lugar privado de corpo, então é manifesto que o vazio não existe, nem como separado nem como inseparável, pois o [20] vazio não quer ser um corpo, mas extensão de um corpo. Por isso também o vazio parece ser algo, porque o lugar também parece, e pelos mesmos motivos. Com efeito, o movimento segundo o lugar concerne tanto aos que afirmam que o lugar é algo à parte dos corpos que nele venham a cair, quanto aos que afirmam o mesmo do vazio. Estes acham que a causa do movimento é o vazio, [25] enquanto aquilo em que o que se movimenta se movimenta; e isto seria tal qual alguns dizem ser o lugar. Não é, porém, absolutamente necessário que, se o movimento exista, exista o vazio. Ele não é absolutamente causa de todo movimento em geral, o que escapou a Melisso, pois é admissível que o pleno se altere; nem mesmo quanto ao movimento segundo o lugar, pois é admissível que as coisas se substituam [30] umas às outras, sem que haja nenhuma extensão separável à margem dos corpos que se movem. Isso é evidente nos turbilhões das coisas contínuas, bem como nos dos líquidos. E é admissível que algo se condense não em direção ao nada, mas por expulsar o que está em seu interior [214b] (como a água que comprime o ar em seu interior), e que uma coisa aumente não apenas porque algo nela se introduza, mas por alteração, como da

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

água pode gerar-se ar. De um modo geral, o argumento (*lógos*) do aumento e da água vertida nas cinzas faz obstáculo a si mesmo; pois, nesse caso, ou bem há alguma coisa, não importa qual, que não cresce, ou bem não cresce por um corpo, ou é admissível que dois corpos estejam no mesmo sítio (estimam, então, resolver uma aporia comum, mas não mostram que o vazio exista), ou é necessário que todo corpo seja vazio, se aumenta por todos os lados e aumenta através do vazio. O mesmo raciocínio (*lógos*) também quanto [10] às cinzas. Que, portanto, é fácil desmontar os argumentos, a partir dos quais eles tentam mostrar que o vazio existe, é manifesto.

8. Que não existe vazio separado, como afirmam alguns, digamo-lo novamente. Com efeito, se há certo deslocamento por natureza de cada um dos corpos simples, por exemplo, do fogo para cima, da terra para baixo [15] e para o meio, é evidente que o vazio não pode ser a causa do deslocamento. De que, então será causa o vazio? Parece, pois, ser causa do movimento segundo o lugar; deste, porém, não é. Ademais, se é algo qual um lugar privado de corpo, quando estiver vazio, para onde será deslocado o corpo nele introduzido? Não certamente para todo lado. E o [20] mesmo raciocínio (*lógos*) também contra os que acham que ele é certo lugar separado, para o qual se desloca o que se desloca. Como, pois, será deslocado ou permanecerá o aí introduzido? E o mesmo raciocínio (*lógos*) acerca do em cima e do em baixo há de convir também verossimilmente acerca do vazio, pois os que afirmam existir o vazio fazem dele um lugar. Como, então, uma coisa estará “em”, seja em um lugar, [25] seja no vazio? Com efeito, isso não ocorre quando certo corpo é considerado como estando inteiro (*hólon*) em um lugar separado e subsistente, pois a parte, se não é considerada como o que é separadamente, não estará em um lugar, mas no todo (*hólon*). [28] Ademais, se não existirá lugar assim, tampouco um vazio existirá.

[28] Advém, aos que dizem que, se existir o movimento, é necessário existir o vazio, antes o contrário, [30] se se examina a questão com atenção, a saber, que não é admissível que sequer uma coisa se movimente, caso exista o vazio. Com efeito, de acordo com os que dizem que a terra, por causa da homogeneidade, repousa, assim também no vazio é necessário que ela repouse, pois não há algo por que seja mais ou menos movida: enquanto vazio, não [215a] comporta diferença. Em seguida, (nada se movimenta, caso exista o vazio) porque todo movimento é ou por violência ou por

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

natureza. E é necessário, se o violento existir, que exista também o por natureza (pois o violento é contra a natureza, e o contra a natureza é posterior ao por natureza). Por conseguinte, se não existe um movimento por [5] natureza para cada um dos corpos físicos, tampouco haverá qualquer um dos outros movimentos. Mas como haverá por natureza, não havendo nenhuma diferença no vazio e no infinito? Pois, enquanto infinito, não haverá nenhum em cima, nem em baixo, nem meio; enquanto vazio, o em cima não será em nada diferente do em baixo (pois assim como [10] do nada não há nenhuma diferença, também do vazio não há; com efeito, o vazio parece ser certo não-ente e privação). Todavia, o deslocamento por natureza é passível de diferença, de modo que haverá diferença por natureza. Logo, ou não há nenhures, para nada, deslocamento por natureza, ou, se há, não há vazio. Ademais, as coisas lançadas se movem sem que aquilo que as impulsionou [15] esteja em contato, ou por alternância de posição, como dizem alguns, ou pelo fato de o ar impulsionado as impulsionar em um movimento mais rápido do que o do deslocamento do impulsionado que o desloca ao seu lugar próprio. No vazio, porém, nenhuma dessas coisas subsiste, nem algo haverá de deslocar-se, a menos que seja conduzido. Além disso, ninguém poderia dizer por que o movido se detém [20] algures. Por que aqui de preferência a lá? Por conseguinte, ou repousará ou é necessário que se desloque ao infinito, se algo mais forte não lhe fizer obstáculo. Ademais, parece que o deslocar-se se dá em direção ao vazio pelo fato de este ceder, mas no vazio tal acontece igualmente por toda parte, de modo que [24] por toda parte o que se desloca há de deslocar-se.

[24] E ainda, o que foi dito é manifesto pelos seguintes motivos. [25] Vemos, com efeito, o mesmo peso e corpo se deslocando mais rápido por duas causas, ou bem por diferir o meio através do qual se desloca, como, por exemplo, através da água ou da terra, ou através da água ou do ar, ou bem por diferir o que se desloca, ainda que todos os outros fatores permaneçam os mesmos, por causa do excesso de peso ou de leveza. De fato, o meio através do qual o corpo se desloca é causa porque faz obstáculo, [30] sobretudo ao se deslocar em sentido contrário, em seguida também ao permanecer em repouso; e mais (faz obstáculo) o que não é facilmente divisível, e tal é o mais denso. Assim, o corpo [215b] A será deslocado através do corpo B num tempo C, e através do corpo D, mais sutil, num tempo E, se o comprimento de B é igual ao de D, proporcionalmente à resistência do corpo que faz obstáculo. Seja, pois, B água, e D ar:

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

quão mais sutil [5] e incorpóreo o ar for que a água, tão mais rápido A será deslocado através de D que através de B. Que se tome, portanto, a mesma proporção (*lógos*) segundo a qual a o ar dista da água para a relação entre uma velocidade e outra. Por conseguinte, se (o ar) é duplamente mais sutil (que a água), A atravessará B no dobro do tempo em que atravessará D, e o tempo C será o dobro [10] do tempo E. E assim sempre: quão mais incorpóreo e mais facilmente divisível for e menos fizer obstáculo aquilo através de que algo se desloca, tão mais rápido deslocar-se-á. O vazio, porém, não tem nenhuma proporção (*lógos*) pela qual seja excedido, como tampouco o nada relativamente ao número. Se, pois, o quatro excede o três por um, e o dois por mais, e [15] excede o um por ainda mais do que excede o dois, relativamente ao nada, não mais tem proporção (*lógos*) pela qual o exceda. Com efeito, é necessário que o que excede seja divisível pelo excesso e pelo excedido, de modo que o quatro o seria por quanto excede o nada e pelo nada. Por isso, tampouco a reta excede o ponto, já que não é composta de pontos. Semelhantemente, também o [20] vazio não tem nenhuma proporção (*lógos*) relativamente ao pleno, de modo que tampouco tem movimento. E, se através do corpo mais sutil algo se desloca em tanto tempo por tal distância, [22] através do vazio ultrapassa toda proporção (*lógos*).

[22] Seja, pois, o vazio F, igual em grandeza a B e a D. Se A o percorrer e for movido em certo tempo, G, [25] menor que E, o vazio terá esta proporção relativamente ao pleno. Mas, em um tempo tão longo quanto G, A percorrerá, de D, a distância H. Ele a percorrerá, se ao menos F, ainda que diferente do ar pela sutileza, for algo, e diferente dele na mesma proporção que o tempo E tem relativamente ao tempo [30] G. Com efeito, se o corpo F for tão mais sutil que D quanto E excede G, inversamente, A percorrerá F em uma velocidade [216a] tão longa quanto G, se se deslocar. Se, então, não houver nenhum corpo em F, ainda mais rápido. Mas era no tempo G (que se supunha isso acontecer), de modo que, em igual tempo, percorrerá o que está cheio e o que está vazio. Mas isso é impossível. É manifesto, portanto, que, se existe um tempo no qual [5] uma coisa qualquer se desloca no vazio, ocorrerá essa impossibilidade, que algo será apreendido como o que percorre em igual tempo o que está cheio e o que está vazio, pois certo corpo será proporcional a outro, como um tempo a outro tempo. Em suma, é evidente que a causa de isso ocorrer é que, de todo movimento, há uma proporção (*lógos*) relativamente a outro movimento (pois ele existe no tempo, [10] e há



Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

uma proporção (*lógos*) de todo tempo relativamente a outro tempo, sendo ambos finitos), [11] mas do vazio relativamente ao pleno não há.

[11] Por um lado, enquanto diferem os meios através dos quais as coisas que se deslocam se deslocam, é isso o que ocorre; por outro lado, conforme o excesso das coisas que se deslocam, ocorre o seguinte: vemos que as coisas que têm mais impulsão, seja de peso, seja de leveza, se tiverem as outras características de modo semelhante [quanto às figuras, por exemplo], [15] mais rapidamente se deslocam em igual região, e segundo a proporção que suas grandezas têm umas relativamente às outras, de modo que também através do vazio seria assim; mas isso é impossível. Com efeito, por que causa deslocar-se-iam mais rápido? Nas coisas cheias isso é uma necessidade, pois o maior divide mais rápido pela força. Com efeito, ou divide pela figura, ou pela impulsão que tem [20] o que se desloca ou o que foi abandonado. Logo, tudo teria a mesma velocidade, mas isso é [21] impossível.

[21] É manifesto, portanto, a partir do que foi dito, que, se existe o vazio, ocorre o contrário daquilo pelo que o estabelecem os que afirmam existir o vazio. Eles acham que, se existir movimento segundo o lugar, existirá um vazio distinto por si mesmo. Isso [25] é o mesmo que afirmar existir certo lugar separado. Que isso, porém, [26] é impossível foi dito anteriormente.

[26] Aos que o examinam por si mesmo, porém, o dito vazio apareceria verdadeiramente como vazio. Com efeito, assim como, se alguém puser na água um cubo, retirará tanta água quanto o cubo comportar, assim também no ar; mas isso não é evidente para a sensação. E [30] sempre, em todo corpo que é capaz de transporte, é necessário, se não for comprimido, que ele se transporte para onde, por natureza, se transporta, seja sempre para baixo, se seu deslocamento é para baixo, como o da terra, seja para cima, se fogo, seja para ambos, conforme o corpo que for nele introduzido. No vazio, porém, isso é impossível (pois ele não é nenhum corpo), e [35] uma extensão igual a que havia anteriormente no vazio haveria de escoar através do cubo, [216b] como se a água não fosse transportada pelo cubo de madeira, nem o ar, mas passassem através dele em todas as direções. Todavia, o cubo tem tanta grandeza quanto contém de vazio, o qual, se é quente ou frio, pesado ou leve, [5] não é em nada menos diferente, quanto ao ser, de todas essas afecções, ainda que não seja separável. Refiro-me a massa do cubo de madeira. Por conseguinte, ainda que ele seja separado de todas as outras

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

coisas, e não seja nem pesado nem leve, conterà um vazio igual, e estará na mesma parte do lugar e do vazio igual a si próprio. Em que, então, o corpo do cubo diferirá do vazio e do lugar equivalentes? E se estes dois [10] haverão de estar no mesmo sítio, por que não um número qualquer? Eis uma primeira coisa absurda e impossível. Além disso, é claro que o cubo, como acontece com todos os outros corpos, continuará tendo aquilo que tem também enquanto for transportado. Por conseguinte, se em nada difere do lugar, por que é preciso estabelecer um lugar para os corpos [15] à parte da massa de cada um, se a massa é impassível? Com efeito, não contribui em nada que haja em torno dele tal outra extensão igual. [Ademais, deveria ser manifesto haver tal vazio nas coisas que se movem; não o é, porém, nenhures no interior do mundo. Com efeito, o ar é algo, embora não pareça – tampouco a água pareceria, se os peixes fossem de ferro, pois pelo tato é que se dá o discernimento [20] do tangível.] Que, portanto, não existe vazio separado, a partir dessas considerações, é evidente.

9. Há alguns, porém, que acham que é manifesto que existe o vazio por causa do raro e do denso. Com efeito, se não existisse o raro e o denso, tampouco seria possível que algo se concentrasse e se comprimisse. E se isso não [25] se desse, ou bem não haveria movimento em absoluto, ou bem o todo inflaria, como disse Xuto, ou bem o ar e a água sempre se permutariam em quantidades iguais (digo, por exemplo, que, se de uma taça de água se gera ar, simultaneamente de uma igual quantidade de ar se gera água). Ou, então, é necessário existir o vazio, pois de outro modo não seria admissível que algo se comprimisse ou expandisse. [30] Se de fato eles chamam de raro o que tem muitos vazios separados, é claro que, se não é admissível haver vazio separado, assim como não é admissível haver um lugar que tenha sua própria extensão, tampouco haverá um raro desse modo. Se, porém, o vazio não é separável, mas algo que existe no interior, o que é menos impossível, ocorre em primeiro lugar que não de todo movimento [35] o vazio é causa, mas do movimento para cima (pois o raro é leve, por isso [217a] dizem que o fogo é raro), em seguida o vazio seria causa do movimento não como aquilo em que o movimento se dá, mas como o que desloca para cima, qual os odres que, ao deslocarem-se eles mesmos para cima, deslocam também o que lhe for contínuo. Todavia, como é possível haver um deslocamento do vazio ou um lugar do vazio? Nesse caso, um vazio do vazio vem a ser, [5] para o qual ele se desloca. Além

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

disso, como eles dão conta do deslocar-se do pesado para baixo? E é evidente que, se quão mais rara e leve for uma coisa, mais ela se deslocará para o alto, se fosse absolutamente vazia, deslocar-se-ia com máxima rapidez. Provavelmente, porém, é impossível que ela se mova; e o raciocínio (*lógos*) é o mesmo, assim como no vazio todas as coisas são imóveis, assim [10] também o vazio é imóvel, pois as velocidades são aí incomensuráveis.

[10] Porém, visto que nós afirmamos que o vazio não existe, restam-nos as outras verdadeiras aporias: ou que o movimento não existirá, se não existir condensação e rarefação, ou que o céu inflará, ou que será sempre igual a quantidade de água oriunda do ar à de ar oriunda da água (é evidente, pois, que mais ar se gera da água, [15] embora seja necessário, se não há compressão, ou que o contíguo, expulsando o contíguo, faça inflar a extremidade, ou que alhures uma igual quantidade de ar se permuta em água, a fim de que a massa total (*pás*) do universo (*hólon*) [NOTA: via de regra, os adjetivos/pronomes distributivos *pás*, *pása*, *pân* e *hólos*, *hóle*, *hólon*, bem como as respectivas formas substantivadas *tò pân* e *tò hólon*, têm sido traduzidos indistintamente por “todo”, “o todo” ; quando, porém, ocorrem juntos, e para evitar a cacofonia do eco, aparece eventualmente a tradução “inteiro”; aqui, entretanto, *pás* ficou “total” e *tò hólon* ficou “o universo”] fique igual, ou que nada se mova; isso, pois, ocorrerá sempre que algo se transportar, a menos que se transporte em círculo; ora, o deslocamento nem sempre é em círculo, [20] mas também em linha reta). Enfim, por esses motivos eles afirmariam ser o vazio algo. De nossa parte, dizemos a partir dos supostos já estabelecidos [NOTA: aqui o particípio *hypokeímenon* não tem o valor técnico que normalmente tem no sistema de Aristóteles, pelo que normalmente se traduz por “sujeito” ou “subjacente”, mas curiosamente o principal “suposto estabelecido” no caso (livro I, capítulo 7) é que a matéria é um sujeito subjacente que garante exatamente o movimento entre os contrários] que há uma única matéria para os contrários, quente e frio e outras contrariedades físicas; que do ente em potência vem a ser o ente em ato; que a matéria não é separável, embora seu ser seja diferente; [25] e que a matéria é uma em número, ainda que calhe de ser ora do que tem cor, ora do quente, [26] ora do frio.

[26] A matéria de um corpo grande e de um pequeno é a mesma. Isso é evidente pelo seguinte. Quando, pois, da água se gera ar, é a mesma matéria o que devém, sem que ela receba qualquer outra coisa de acréscimo, mas o que era em potência vem a ser

Aristóteles

O tratado do Lugar e do vazio – tradução

em ato, e, inversamente, do ar se gera água do mesmo modo; [30] o devir se dá ora em direção à grandeza a partir da pequenez, ora em direção à pequenez a partir da grandeza. Do mesmo modo, se de uma grande massa de ar vem a ser uma menor, ou se de uma menor vem a ser uma maior, é a matéria que, estando em potência, vem a ser ambos. Com efeito, assim como a mesma matéria vem a ser quente a partir do frio, e fria a partir do quente, porque era em potência, assim também, do quente, [217b] vem a ser mais quente, sem que nada de quente viesse a ser na matéria que já não fosse quente quando ela era menos quente. Tampouco quando a circunferência e curvatura de um círculo maior vem a ser a de um círculo menor, seja a mesma ou outra, o curvo vem a ser em alguma parte que já não fosse [5] curva, mas reta (pois o mais ou o menos são o que são sem que se interrompa a continuidade da qualidade em questão). Nem é possível tomar da chama certa grandeza em cujo interior não haja também calor e claridade. Assim também no caso do calor anterior relativamente ao posterior. Por conseguinte, a grandeza e a pequenez da massa sensível não se expandem porque a matéria receba algo de acréscimo, mas porque [10] a matéria é ambas as coisas em potência, de modo que o mesmo é denso e raro, e a matéria de ambos é uma só. Por outro lado, o denso é pesado e o raro, leve. [Ademais, assim como a circunferência do círculo, quando contraída numa menor, não assume nenhuma outra concavidade, mas a que já existia é que se contrai, e toda porção de fogo que se tome será [15] quente, assim também o todo é contração e expansão da mesma matéria.] Com efeito, há dois em cada um, no denso e no raro, pois parece que o pesado e o duro são densos, e que os contrários, o leve e o mole, são raros. O pesado e o duro, porém, estão em desacordo no chumbo e no [20] ferro.

[20] A partir do que foi dito, então, é manifesto que o vazio não existe nem em separado, nem absolutamente, nem no raro, nem em potência, a menos que alguém queira de todo modo chamar de vazio a causa do deslocar-se. Assim, a matéria do pesado e do leve, enquanto tal, seria o vazio, pois o denso e o raro, segundo essa contrariedade, [25] são produtores do deslocamento, e, segundo o duro e o mole, da paixão e da impassibilidade, e não do deslocamento, mas, de preferência, da diferenciação. Que fique determinado deste modo, então, acerca do vazio, como é e como não é.